

QUANDO A ESCOLA VAI AO MUSEU DE ARTE: ANTES, DURANTE E DEPOIS

WHEN THE SCHOOL GOES TO THE ART MUSEUM: BEFORE, DURING AND AFTER

*Juliana Ferreira da Luz*¹ – UNESP

Resumo

A visita escolar ao museu de arte ou instituição cultural é uma experiência buscada por escolas, professores, instituições e alunos, pois delinea um espaço em que podemos ver a potencialização do ambiente de aprendizagem em arte. Os setores educativos dos museus estão preocupados em trazer a seu público uma mediação qualificada de suas exposições de arte, sendo portadores de um conhecimento empírico e teórico sobre os temas relevantes a serem abordados com seu público. A escola também se preocupa em oferecer a seus estudantes uma visita significativa, fazendo dessa experiência mais do que um simples passeio. Obedecer um antes, durante e depois de qualidade para os alunos, envolvendo museu e escola, podem fazer com que esses aprendizados se tornem potentes e significativos na relação de ensino-aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Arte Educação, Escola, Museu, Instituição Cultural

Abstract

The school visit to the art museum or cultural institution is an experience sought after by schools, teachers, institutions and students, as it denotes a space in which we can see the enhancement of the art learning environment. The educational sectors of museums are concerned with providing their audiences with qualified mediation of their art exhibitions, providing empirical and theoretical knowledge on the relevant topics to be discussed with their audiences. The school is also concerned with offering its students a meaningful visit, making this experience more than a simple tour. Obeying a quality before, during and after for students, involving museum and school, can make this learning become really powerful and significant in the students' teaching-learning relationship.

¹ Juliana Ferreira da Luz Gras é arteeducadora na rede privada de ensino, dando aulas atualmente para o ensino fundamental e médio. É Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Paraná e Bacharel em Escultura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. É mestranda em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP.

Keywords: Art Education, School, Museum, Cultural Institution.

Introdução

Esse resumo é parte de uma pesquisa que tenho desenvolvido no âmbito do Mestrado em Arte realizado no Instituto de Artes da UNESP. O recorte escolhido se refere aos momentos que precedem e sucedem as visitas, que são muitas vezes inexistentes ou negligenciados por muitos fatores, como a falta de tempo e espaço no planejamento escolar.

A visita escolar ao museu ou instituição de arte é um acontecimento muito importante dentro do currículo de arte das escolas públicas e privadas e possui uma significação particular, rica e única. Tudo começa quando, na escolha do currículo, são destacados artistas e exposições que podem ser visitadas com o objetivo de explorar suas obras.

Em seguida, são realizadas aulas em que são investigados o artista e a exposição escolhida. Nessa hora, alguns recursos podem ser desenvolvidos para serem utilizados durante a visita à exposição, que servem como mediadores entre os alunos e as obras. Até chegar o grande dia: a visita. No museu ou instituição cultural, os alunos podem ser recepcionados pelos mediadores da casa ou seus próprios professores de arte e/ou outros componentes curriculares.

Antes de realizar uma visita, é desejável que o professor se prepare. A visita à exposição ajuda o professor a desenhar os caminhos na escrita de um projeto didático envolvendo aulas de ativação e aulas de retorno. “Primeiro, o educador precisa visitar a exposição para os alunos explorarem suas impressões pessoais” (SANTANA, 2009, pág. 264).

O autor ainda traça 4 tópicos relevantes para um melhor aproveitamento dos alunos e qualidade das aulas. O segundo seria o de “escrever um projeto estabelecendo parcerias com outros professores e buscar apoio e patrocínio da direção e coordenação da escola”. O terceiro ponto, “preparar os estudantes em sala de aula com os conteúdos a serem vistos e pesquisados” e ainda o quarto e último ponto é “informar com antecedência aos educadores da instituição, qual é o foco do projeto de sala.” (ibid., pág.

Métodos

Para realizar os estudos propostos, foi escolhida a observação participante, onde o pesquisador se encontra implicado no processo de observação e constrói evidências observadas na interação com outros pares que constroem o conhecimento (CHIZZOTTI, 2008, pág. 19). A partir da análise bibliográfica, de conversas com colegas professores da rede estadual e da minha experiência como professora de artes, algumas perguntas foram levantadas, tais como: A exposição de arte potencializa o aprendizado dos conteúdos mobilizados pelo professor? Os conteúdos trabalhados na sala de aula criaram pontes com as obras vistas e a experiência dentro do museu? Como realizar um trabalho no retorno instigante e significativo? Os trabalhos realizados poderão ser expostos?

Diversos autores são referências importantes para o desenvolvimento da pesquisa e que ajudaram a ensaiar respostas, em especial Ana Mae Barbosa, com sua abordagem triangular e por sua atuação no educativo do MAC, Museu de arte Contemporânea da USP, de 1987 a 1993, que se tornou referência em arte-educação e serviu de modelo para outras instituições brasileiras. Segundo a autora “ A proposta triangular salientou a importância da interpretação da arte e a vantagem de ver e analisar os obras ao vivo. (BARBOSA, p.17, 2008).

Outra referência é do pedagogo e filósofo Paulo Freire, que em sua pedagogia nos orienta a uma visão libertadora do modo como lemos e enxergamos o mundo, indicando o caminho de uma educação baseada na identidade de cada um e no reconhecimento de seus paradigmas.

(...) Quem forma e se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência”. (FREIRE, 2005. pág. 23)

Resultados e Discussão

Trazendo as palavras que dão título a este resumo, temos no *antes*, o fato de o professor de arte se sente solitário na tarefa de realizar os agendamentos das visitas e muitas vezes não encontra apoio da direção e coordenação escolar para que as visitas aconteçam, tampouco o apoio de seus colegas de outras disciplinas, pois, para eles, isso significa que o aluno vai perder aulas importantes. Isso seria diferente se a comunidade escolar se engajasse em trabalhos interdisciplinares e transformassem o conteúdo da exposição visitada em ativos para todas as matérias. Porém, diante de uma rotina escolar cansativa e cheia de atribulações de todas as ordens, os professores muitas vezes podem sentir-se desmotivados a realizar esta tarefa.

No *durante*, deve ser observado se o currículo da escola permite uma flexibilidade para se adequar ao período em que os alunos terão condições de visitar a exposição. Essas condições nem sempre são previsíveis, devido ao fato de muitas escolas públicas precisarem depender de um transporte de ônibus que vem da oferta de espaços como o SESC, a exemplo da experiência bem-sucedida do SESC Sorocaba, que oferta inúmeros transportes em ônibus para alunos da rede municipal e estadual, para que visitem suas exposições.

Depois, portanto, quando o currículo permite, os professores podem encabeçar discussões sobre o que foi visto na exposição, além de terminar uma produção iniciada anteriormente, ou até mesmo, iniciar um trabalho a partir do que foi visto e explorado.

Considerações finais

A partir dos dados levantados por meio da pesquisa, podemos pensar em cinco passos básicos, que podem ser aperfeiçoados por cada arte-educador e que indicam um modo de explorar a oportunidade da visita a uma exposição de arte de uma forma significativa e potente. O primeiro passo é a preparação da visita, tendo a escola em parceria com seus coordenadores e professores como articuladores de uma atividade de aprendizagem extramuros da escola. O segundo passo é a visita em si e os cuidados necessários para que ela aconteça em sua máxima potência, tanto presencial como virtualmente.

O terceiro passo se trata das trocas, envolvendo a escuta do aluno e a

elaboração de estratégias educativas para alongar a experiência vivida até aqui, tanto no caminho quanto no museu. O quarto passo é a criação. Significa abrir espaço no ateliê ou na sala de aula para que os alunos possam experimentar materiais e técnicas a partir do que foi visto e abordado nas etapas anteriores.

O último passo sugerido é a exposição dos trabalhos na escola. Expor abre um novo olhar para a produção individual e coletiva do aluno, olhar este alimentado pelo que foi visto na exposição.

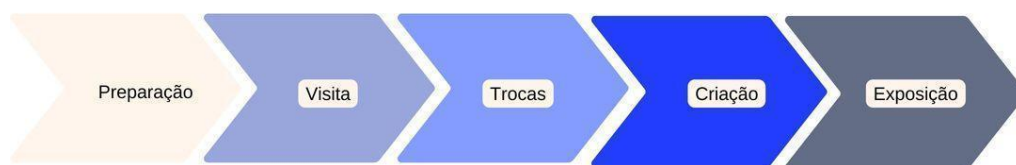


Ilustração 1- Fonte: arquivo pessoal

Paulo Freire consagra na contemporaneidade a ideia de que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo. A arte tem muita importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, e o lugar experimental dessa mediação é o museu.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Mediação cultural e social**. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.13-22.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 9 ed.- São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

SANTANA, Pio. **A mediação no museu e os resultados na sala de aula**. Artigo Publicado no livro: *Arte/ Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.